



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



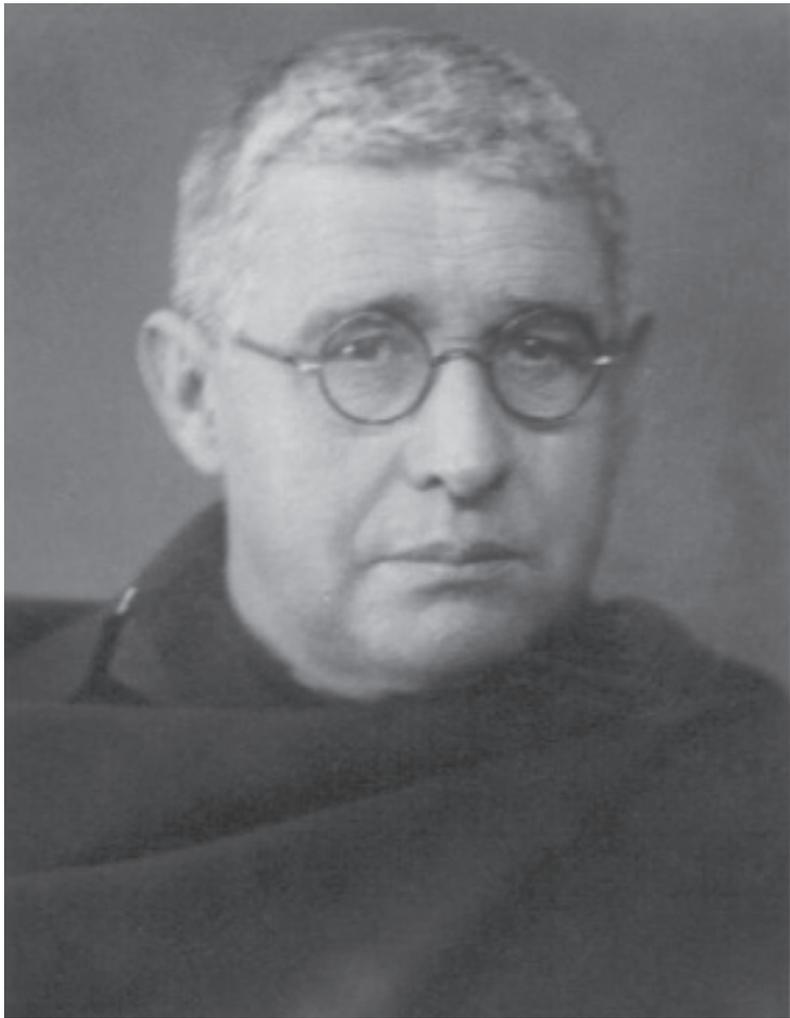
Gaiato

Quinzenário • 31 de Outubro de 2015 • Ano LXXII • N.º 1869 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

23 de Outubro

«A minha obra começa quando eu morrer». Com estas palavras Pai Américo mostranos que a Obra nunca está feita, não é isto o que conhecemos e mais nada. A Obra está sempre a fazer-se. Aliás, nenhum de nós é isto, o que somos e mais nada. Também nós estamos a fazer-nos.

Comemorando mais um aniversário do nascimento de Pai Américo, este o 128º aniversário, comemoramos a história que Deus fez com ele no tempo e o que fez com ele fora do tempo, neste em que a Obra é Obra do Padre Américo e naquele foi Obra da Rua, que Deus fez com ele e com todos os Obreiros, Padres, Senhoras, Rapazes e todos os Amigos.

Por tudo a que Pai Américo se deu e fez, fê-lo por causa dos condenados ao abandono, das vítimas das injustiças que os homens e as sociedades cometem quando, enganando-se a si mesmos, oprimem os outros pensando que assim se libertam dos seus limites e ganham a vida. Assim, perdem-na, porque «quem quiser ganhar a sua vida, há-de perdê-la».

Pai Américo fez ao contrário, perdeu-a e a ganhou, no tempo e fora dele.

Nos derradeiros anos da sua vida no tempo, muitos o questionavam ou questionavam-se sobre se ficaria de pé a Obra da Rua ou se esta acabaria com o fim da sua vida terrena. Não sei se foi

neste contexto que as palavras de Pai Américo, citadas no início deste texto, foram por ele preferidas. Teriam todo o cabimento se assim tivesse sido. Ontem, como hoje ou amanhã, sempre se há-de pôr esta questão, pois sabemos que só são sustentáveis as obras que Deus sustenta e nas quais o homem se deixa sustentar por Ele. Tal como a vida de cada ser humano, só é sustentável se ele se deixa sustentar por Deus.

De facto, Deus é que sustenta, Ele é que paga todas as despesas; o homem tudo recebe de graça. Quando o ser humano pensa que as coisas dependem dele, que é devido ao seu esforço, trabalho e capacidades que as obras se mantêm de pé, é certa a derrocada do trabalho das suas mãos. Pai Américo sempre disse que a obra não era sua, mas de Deus: «É preciso pôr Deus no seu lugar». Depois sim: «A minha obra começa quando eu morrer». Ali já não é possível qualquer engano, nem fazer nada em vão: «Deus é tudo em todos».

Quando morreu um dos gaiatos, Pai Américo disse: «Acendeu-se uma luz no céu». Isto que à primeira vista é poesia vã, de facto não é. Foi uma luz que se acendeu no céu, para tornar Lá presente a nossa Obra, com os seus frutos, e de Lá a iluminar com a luz que de Lá vem. Desde esse dia, quantas luzes já Lá se acenderam?!

Precisamos muito dessas luzes. Tal como ontem, também há hoje no mundo em que habitamos, muitas trevas. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Sonhos desfeitos

EM Outubro, muitos Bispos da Igreja encontraram-se em Sínodo sobre a família, centrados no tema *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*. No momento actual da Igreja e do mundo, a centralidade da família está, pois, na ordem do dia e por razões preocupantes e fracturantes, no que se refere à fidelidade conjugal, desagregação familiar, fecundidade e à sua participação eclesial, entre outras questões. Constitui sempre um assunto incontornável na história dos povos, como base fundamental do desenvolvimento humano e social. Por esta ocasião, foi apresentado um modelo de santidade: os pais (de 9 filhos) de Santa Teresinha. A propósito, foi canonizada no ano em que Américo Monteiro de Aguiar, que rejubilou com o sucedido, deu entrada no Seminário de Coimbra — 1925.

O Criador não deseja nunca a solidão da pessoa humana, desde o princípio. Contudo, é um drama que bate à porta de qualquer pessoa, nomeadamente sem casa e sem amparo: velhinhos e enfermos abandonados à sua sorte, quando a viuvez acontece e as separações conjugais são irreversíveis, pessoas sem rumo e sem ninguém. Espanta a qualquer pessoa de bom senso que se apontem como sinais de progresso social quando a natalidade baixa, aumenta o aborto e a eutanásia, e a solidez do casal não conta para nada. Poderá algum ser humano viver sem calor humano? Certo é que, na solidão do claustro, há sentinelas abrasadas pelo calor divino, vigilantes na oferta ao Pai celeste das angústias humanas.

Mesmo quando se desfaz o sonho de Deus para a vocação humana, nunca se deve fechar a porta a ninguém, pois é por demais evidente que a vida é um tesouro em vasos de barro. É claríssimo o que lembrou João Paulo II: *O erro e o mal devem sempre ser condenados, mas o homem que cai ou erra deve ser compreendido e amado*. É evidente que não se trata de haver amnistias, à moda dos homens que julgam, mas dizer bem alto que a misericórdia de Deus é infinita e passa também pelo acolhimento do próximo caído,

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A Janete, aquela pobre mãe com cinco filhos e o marido preso, a que me referi no Jornal de 22 de Agosto, chegou a esta Casa, pedindo ajuda, quando eu partia, atrasado, para uma diligência no Tribunal de Família e Menores de Setúbal e não a pude atender.

Levei na minha retina o seu aspecto lívido e o beco sem saída, breve, das suas inúmeras carências, mas ia-me consolando com o pensamento no sentido maternal das Senhoras da Casa que ajudariam, com comida para ela e a sua infeliz prole.

Ao regressar, a minha primeira fala à D. Conceição, foi: — *Esteve cá a fulana, que lhe deu?*

— *Dei-lhe o que podia, mas ela queria muito falar consigo. Parece que lhe cortaram o rendimento mínimo e ela não tem com que pagar a renda da casa!*

— *Como pode ser? Não será que me quer intrujar?*

Que Deus me perdoe estes sentimentos e lucubrações íntimas!... Mas quem anda na rua tem de se acautelar.

No Domingo, de manhã, veio tomar parte na nossa assembleia eucarística. Ficou lá, no fundo da Capela, com o seu menino ao colo e a cabecinha da criança ao nível do seu pescoço.

A minha vista já não é grande coisa, só desconfie que fosse ela. A visão foi incapaz de certificar o seu rosto.

Eu a despir os paramentos da Missa e ela a entrar na sacristia.

— *Dá licença?*

— *Olha que menino tão lindo!*

— Respondi sem mais aquelas e agarrei-o contra o meu peito.

É a melhor saudação à mãe, acolher e elogiar-lhe o filho! Não por cerimónia ou mero cumprimento, mas com sinceridade de alma! Se o menino é lindo a meus olhos, quanto não será formoso ao olhar da mãe?

— *Então?* — Disse, fitando-a.

— *Olhe senhor padre!...* — Exibia-me o documento da segurança Social confirmativo do corte. — *E só daqui a três ou seis meses é que terei de novo o rendimento mínimo.*

Agarrei no papel e li os nomes.

— *Quem é esta?*

— *É minha irmã em casa de quem eu estava quando me inscrevi. Ela é que era a titular.*

— *E este?*

— *É o meu irmão que fazia um curso na Barreiros — Escola de Emprego e Formação Profissional em Setúbal — desistiu e, por causa dele, ficámos todos assim!*

Li os outros nomes. Eram os da mãe, do marido preso, dela e dos filhos!

— *Agora a senhoria vem para cima de mim. Quer o dinheiro, e eu que hei-de fazer, se não tenho?*

Foi a minha acção de graças de uma celebração que muito me havia enriquecido.

— *Vem cá. Toma connosco o pequeno-almoço e depois falamos.*

Mas falar o quê?

Ao Domingo regalo-me com o leite e o café dos rapazes. Só ao Domingo, para não abusar que,

Continua na página 2

DOCTRINA

Pai Américo

**O triunfo da mentira
é como a erva dos telhados**

VISTO como estas crónicas semanais, dadas à estampa em o *Correio de Coimbra*, não-de fornecer a matéria do terceiro volume do *Pão dos Pobres*, é meu propósito escrever um livro e não fazer jornalismo. Um livro verdadeiro é um verdadeiro amigo. A primeira qualidade deste é ser leal e simples. Daí o meu presumar na verdade. Nas aflições é que os amigos se conhecem e apreciam. Eu quero que este responda às inquietações do teu espírito; que vejas em cada lauda uma mensagem de paz; e, no seu todo, a Obra fecunda e luminosa do Evangelho.

SE é verdade que a vida da maioria dos homens se lhes apresenta complicada, é a mentira que assim o causa. Primeiramente começam por mentir a si mesmos; depois pensam, falam e escrevem mentira. Mentira nos Algarismos, mentira nos negócios, mentira nas passadas, mentira nas obras, mentira nos juramentos: «Mente, que alguma coisa fica!» Ai quão grandes não são as trevas do espírito quando a vida dos homens é feita de mentira!

AQUI não. O *Pão dos Pobres* não é falsificado. Se o fora; já há muito que teria sido rejeitado; mas sucede precisamente o contrário. Por isso mesmo, eu devo-me totalmente à verdade nua e escrupulosa e todos quantos no mundo amam a Verdade, gostam e compram mais *Pão*.

O terceiro turno das Colónias de campo regressou na primeira semana de Setembro, tendo fechado como ele o ciclo do veranejar. Os gaiatos da Casa renderam-lhes amistosa despedida; o Luís subiu acima de um mocho num adeus sentido e improvisado. Houve fruta, arroz doce, vinho mai-los vivos do estilo. Em virtude de ficar vazio o anexo que foi lar das Colónias, nós vamos estender a Obra e elevar a vinte e cinco o número dos seus habitantes. Como é certo que Obras desta natureza não se fazem com dinheiro, aceita-se o pequenino que nos bate à porta, certos de que o carinho que se lhes dispensa é garantia de êxito e de progresso.

JÁ temos do Norte, do Centro e do Sul do País; e até estrangeiros, vítimas inocentes da guerra. O pequeno que apareceu ultimamente é assim. Fala uma língua mesclada; é de invulgar compleição; gosta de trabalhar; e traz os olhos húmidos de lágrimas pelos pais que perdeu não sabe aonde! Andamos a indagar por vias oficiais; e se a família não aparecer — eu tenho mais um filho e tu um amigo. Não te admires de eu falar no plural, que não é majestático, mas sim real; é que nós somos agora dois. O meu Prelado acedeu e vai dar-me por companheiro um sacerdote da minha escolha. Havemos de conquistar o mundo sem saca nem bordão; que ainda hoje, a única forma de o conquistar é não querer nada daquilo que ele nos oferece. Se houvesse outra maneira mais eficaz, o Mestre tê-la-ia ensinado — mas não. «Não queiras duas túnicas.» Francisco de Assis ouviu e não se enganou. Para que tu vejas de que força é este meu companheiro e que eu não me enganei na eleição, basta que te comunique o lamiré dado por ele sobre a modalidade da Obra: construir casas, na quinta, para ser uma Aldeia de Rapazes. E eu disse que sim.

TODA a educação da criança sem família deve ser feita em células familiares, nunca em aglomerados. A criança há-de ter um pai, não um guarda. Deve ser amparada, não vigiada. Tudo tem que vir bater aqui, neste sistema vivo, forçado pela natureza das coisas. Qualquer outro, é contra a Natureza. A futura Aldeia dos Rapazes que tu hás-de ver e admirar, vai ser afeiçãoada assim. Cada casinha é um lar. O chefe, que é o pai de família, sairá da Casa do Gaiato para a construir. Em cima, habita-se; em baixo, oficinas; fora, horta e jardim. Vida independente; escola e capela comum. Domingos, confraternização. «Ai que coisa tão disparatada!» — dirão os mestres de pedagogia. É que não amam. «Se tiveres mil pedagogos, nenhum é pai como eu sou», dizia o Apóstolo aos do seu tempo. Se não és pai, não és mestre.

Do livro *Pão dos Pobres*. 3.º vol.

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

PAI AMÉRICO — Na sexta-feira passada, dia 23, completou-se mais um aniversário do nascimento do nosso querido Pai Américo. A data do seu nascimento é 23 de Outubro de 1887. Comemoramos por isso 128 anos do seu nascimento. Os nossos Amigos e os nossos Assinantes que queiram saber mais coisas sobre a sua vida, podem pedir livros à Editorial da nossa Obra.

A NOSSA ALDEIA — É muito bonita. Tem espaços para os nossos Rapazes descansarem e se divertirem, como o parque infantil para os mais pequeninos e os campos de futebol, para além da piscina que é usada no Verão. Temos o nosso Cruzeiro que representa a salvação que Jesus nos trouxe e a nossa Capela onde nós celebramos a nossa fé. Observamos

também a escola antiga onde estudaram muitos dos nossos Rapazes. Temos também as nossas oficinas de carpintaria, serralharia e tipografia, e a nossa vacaria onde temos o nosso gado bovino.

SERRALHARIA — O Mendão está a fazer um carro novo para apanharmos as folhas das nossas ruas. É preciso que fique seguro e fácil de manobrar. Para além disto fazem-se outros tipos de trabalho, como arranjar as nossas máquinas agrícolas e a sua manutenção, consertar as máquinas da cozinha e muitas outras coisas que foi preciso arranjar.

POMAR — Os nossos diospireiros deram bons e muitos dióspiros. Temos três qualidades de diospireiros, e são

todos deliciosos, que todos os Rapazes gostam de saborear à sobremesa ou ao lanche. Também no nosso pomar temos um galinheiro com galinhas, patos, gansos, uma perua e também coelhos. Os nossos «Batatinhas» costumam levar as sobras de comida para as aves do nosso galinheiro.

VISITA — No passado dia 18, um jovem casal, Miguel e Fátima, vieram celebrar o seu primeiro ano de matrimónio a nossa Casa.

Trouxeram a família e estiveram na nossa Celebração dominical, e de seguida almoçaram connosco. Depois fomos ao nosso bar tomar o café.

Com eles veio o sr. Padre Félix, que no ano passado assistiu ao matrimónio. Desejamos muitas felicidades para eles. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — A 19 de Outubro, começou a nossa grande safra da apanha da azeitona nos nossos olivais. É uma tarefa ainda manual e demorada. Colocam-se os panais à volta das oliveiras e depois são varejadas; a seguir, recolhem-se as azeitonas caídas e os pequenos ramos que são limpos numa máquina. Num armazém das nossas oficinas, em tinhas grandes, põem-se as azeitonas em água, que aí ficam até serem ensacadas e finalmente levadas para um lagar. Daí resulta um bom azeite (porque é nosso!), que vamos tendo para as nossas necessidades (e partilhar).

As molhadas de couves que nos deram foram plantadas na nossa horta de cima. Depois, ofereceram-nos mais couves, que não venderam na feira, e

temos de plantar, pois bem precisamos delas.

As nossas galinhas vão comendo do nosso milho grão, moído. Há dois porcos que estão a ficar prontos para a matança. Vão sendo alimentados com as lavagens.

CATEQUESE — Para recomençarmos os encontros de Catequese na nossa Casa, vamos poder contar neste ano pastoral com mais três Catequistas, para os médios e os mais crescidos: a Prof.^a Helena, a D. Cecília e o Rui (jovem, do Bairro Novo). Precisamos muito de conhecer e amar Jesus!

ARRANJOS — Está a ficar concluída a primeira fase da pintura exterior dos edifícios da sala de jantar e anexos,

em creme, conforme a cor anterior. Continuam-se a pintar as portas e janelas. Na zona dos animais pintaram-se as paredes de cinzento para distinguir do resto. Ainda há outras zonas para pintar logo que possível. É um investimento caro, mas assim o rosto da nossa Casa vai ficando mais bonito.

CONTACTOS — Para facilitar a comunicação dos nossos amigos e amigas com a primeira Casa do Gaiato, informamos mais uma vez os nossos contactos: Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, R. Casa do Gaiato, n.º 628, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt; NIB (CGD): 003504680000557733018. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CONFERÊNCIA É QUE TEM A OBRIGAÇÃO — Por vezes, há pessoas que, não sendo formalmente Vicentinos, colaboram muito com as Conferências e são, de facto, mais Vicentinos do que outros que o são formalmente. Infelizmente, também há os que ficam de fora a dizer mal ou a intervir em situações que os Vicentinos estão a acompanhar de uma forma que, em vez de ajudar, cria ainda mais problemas do que os que já há para resolver. Já tivemos e continuamos a ter casos desses.

Com certeza que os Vicentinos ou as pessoas que estão noutras organizações de acção social, têm obrigação de cuidar o melhor possível de quem estão a ajudar. Essa obrigação, no entanto, não desobriga quem não está nessas organizações a colaborar nesta causa. Nos que não estão nessas organizações há, por vezes, a atitude de empurrar para elas, sem mais, as pessoas que precisam de ajuda dizendo-se que essas organizações é que têm a obrigação de cuidar desses

casos. Outras vezes, como atrás foi dito, há quem intervenha de uma forma desarticulada da acção dos Vicentinos, ou de quem mais está a cuidar dessas situações criando, com isso, mais problemas do que os que já há para resolver.

Em matéria de solidariedade social todos temos a obrigação de colaborar e de juntar esforços, estejamos ou não em organizações especificamente vocacionadas para este trabalho. Isto não quer dizer que o tenhamos que fazer todos da mesma maneira. Não devemos é fazê-lo de qualquer maneira, como acontece, pelo menos, numa situação muito complicada que nos foi criada, com uma família que acompanhamos, por pessoas que não nos consultaram e que resolveram intervir, criando, com isso, um problema mais grave do que aquele que já existia com essa família.

Deus nos ajude a sermos todos solidários, mas com bom senso. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

durante a semana, a minha primeira refeição é sempre dois iogurtes dados pelo *Intermarché*, e uma ou duas peças de fruta oferecidas.

Nem a delícia do leiteinho dos rapazes apagou o meu desconsolo!

Viemos para o escritório. Passei-lhe um cheque de 400€ para a renda dos dois meses. Fui levá-la a casa, onde deixou a criança, e trouxe-a, de novo, para o portão da cadeia onde tira a senha de acesso à visita do marido.

O caso dela já motivou uma exposição ao Provedor de Justiça feito por um Assinante, a qual agradeço e peço licença para transcrever:

«Excelência:

Tomo a liberdade de lhe dirigir

esta missiva, pelo seguinte: Há dias, ao ler o *Jornal O GAIATO* de 22 do passado mês de Agosto, tomei conhecimento de um facto, mais um dos muitos que aquela Organização resolve ou tenta resolver, que me deixou indignado.

Trata-se do socorro prestado a uma “viúva”, com 5 filhos, com idades que variam entre os 10 anos e os 4 meses.

O marido desta senhora foi preso, naturalmente por critérios de justiça, por isso ousou chamar-lhe viúva.

E o resto? O artigo é bem elucidativo. Qualquer referência que eu lhe faça, ficará necessariamente aquém.

Por isso, tomo a liberdade de lhe enviar o referido *Jornal*, permitin-

do-me acrescentar que o artigo se intitula “*Património dos Pobres*”, está assinado pelo padre Acílio, começa na primeira página e continua na terceira.

Se V. Ex.^a entender que o caso nele versado é relevante, como eu creio, fará o favor de tomar as medidas que o seu douto conhecimento e experiência lhe sugerirem para que, no futuro, quem administra a justiça não se fique pela árvore e tenha em conta o jardim, ou pelo menos o canteiro, onde a mesma está implantada.»

Todo o bom senso nos mostra que o Estado, ao facultar uma formação profissional gasta bastante dinheiro. Quem dela desiste merece castigo.

Se recebe o rendimento mínimo de inserção e desiste de se inserir na sociedade abdicando de uma forma-



MALANJE

Padre Rafael

«Vem e segue-Me»

MESMO muito atrasado, chegou o tempo das chuvas, e como se diz entre o Povo, «nunca chove ao gosto de todos». No nosso caso: por um lado, a alegria para as nossas vacas que vão ter pastagem, pelos nossos campos que terão oportunidade de nos dar milho, batata, etc.; por outro lado, a tristeza de ver como a água da chuva entra no nosso refeitório, porque o telhado não tem conserto. O mesmo na casa 2 ou no posto de saúde. Este ano colocámos baldes para aparar a água, para o ano vamos tentar pôr chapas.

Nos últimos meses tentámos resolver a situação de alguns trabalhadores que temos na Aldeia. A maior parte deles não são indispensáveis e despedi-los é muito difícil, porque são mulheres solteiras com filhos. Por outro lado, o Estado não

dá qualquer tipo de subsídio não contributivo aos desempregados. Nós, sempre lhes damos uma pequena ajuda. Em conclusão, não temos muitas saídas, melhor dito, apenas uma: continuar como estamos.

Faz quinze dias que um grupo dos mais velhos foi castigado para a Karianga. O motivo, não se aplicarem com maturidade nas tarefas da Casa e não colaborarem ao máximo com o chefe-maioral. Em nossas Casas, os mais velhos são o espelho da Comunidade e o grau de responsabilidade e compromisso tem de ser de acordo com a realidade da nossa vida.

Na Casa do Gaiato de Malanje, os rapazes estão em todas as tarefas, desde as mais simples, como as limpezas, às mais exigentes, como ser chefe de áreas produtivas e gerir

o dinheiro com responsabilidade. É um milagre para uns; para nós, é a consequência de vivermos em Família.

O grupo regressou e a maior parte deles avaliou a experiência positivamente. O que mais lhes custava era terem de ir à escola a pé, pois fica a oito quilómetros, e terem de estudar com velas, por falta de energia eléctrica. Entre as conclusões mais significativas entenderam que a Casa, mais do que um lugar, é uma Família e o cumprimento das nossas responsabilidades é a maior expressão de amor para com ela.

Chegam-nos notícias preocupantes do Calvário, porque é parte desta grande família que é a Obra da Rua. Padre Telmo está lá, mostrando a todos nós, padres da rua, aquele dizer de Francisco de Assis: «Em tudo amar e servir». Penso que temos de ser corresponsáveis com os nossos filhos que ali estão. Como Obra deveríamos perguntar-nos qual seria a atitude de Pai Américo perante esta situação — e sermos honestos com a resposta. □

SINAIS

Padre Telmo

O X é um menino encantador. É deficiente — muito diminuído mentalmente. Se eu lhe digo «esta árvore tem um ninho», ele repete: — *Esta árvore tem um ninho*. Se eu acrescentar «E o ninho tem ovinhos», ele já não é capaz de dizer.

Num dia bonito de sol levei os meninos a passeio, para verem a confluência das albufeiras entre os rios. Deliraram. Quando debruçados num muro, olhávamos os montes reflectidos no fundo das águas límpidas e tranquilas, o X encos-

tou-se a mim e perguntou: — *Lá, nos montes, também vivem meninos?* — Expliquei. Ele continuou olhando num enlevo.

O Neca, é mesmo o seu nome. Era ele o mais velho do grupo que foi para Malanje dar começo à Casa. Em boa hora, pois foi ele o chefe nos primeiros anos. Aliou o seu dom de escultor e, já em Portugal, depois das guerras, começou a fazer estátuas de rapazes para os jardins das nossas Aldeias.

Um dia, falei: — Sabes, só Paço de Sousa não tem uma obra tua.

— *Se me arranjar um castanheiro, farei uma obra linda.*

Trouxemos da minha aldeia um tronco de um castanheiro bravo que era dos meus avós. Deixou-o secar. Fez dele uma obra-prima: Nas raízes grossas, a estilete, a história da Aldeia. No tronco, três gaiatos com o Jornal.

Um dia um arquitecto: — *O escultor desta obra?*

— Um nosso rapaz com a quarta-classe. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

como sinal amoroso, para além dos defeitos e quedas humanas. Se o sonho da fidelidade e do amor duradouro não é real, ao menos que não se veja com sentido arqueológico ou de troça o que é mais lógico para a felicidade humana. Não tem havido império ou país que dure só com a força das armas, desprezando a família e violentando as consciências. As opiniões em voga e, até, dominantes, que não se coadunam com o bem do matrimónio e da família, devem ser cristãmente rejeitadas, mesmo com-

ção que lhe é oferecida, é bom que vá saber o que a vida custa e não viva às custas do Estado.

Agora, que todo o agregado familiar a que pertence, seja desta forma atingido, sem qualquer discriminação, é **desumano**.

Falando com alguém a trabalhar para o Estado Social e nele ganhando o seu salário, referia-me: — *O Estado é assim, padre! O corte do Estado é transversal.*

Este funcionário veio pedir-me ajuda para dois casos aflitivos.

Não quero maçar o leitor, pois todos entendemos que estas injustiças teriam solução adequada, se houvesse mais seriedade na política e mais confiança nas pessoas.

Ao verificar uma situação destas ninguém, nos Centros Regionais de Segurança Social, tem poder para acudir, de imediato, a uma família nestas circunstâncias? Ninguém? Ou quem poderia, refugia-se nas alturas para não ser incomodado? □

preendidas e curadas na missão da Igreja.

Enquanto reflectíamos em matéria *geneticamente* tão importante para o mundo, à mercê de ditames poderosos de interesses obscuros e de domínio sobre as riquezas, havia que dar seguimento a alguns apelos vivos deste rebanho, com histórias para contar ou não, que só nos é permitido e prudente aflorar. Ressalve-se que não encontramos à nossa guarda um único filho em situação de dita normalidade jurídica-canónica dos pais. Há dias, tivemos mesmo de perguntar como estavam e a resposta foi simples: — *Solteiros...* Isto pode ajudar a meditar sobre os caminhos a percorrer em face da desarticulação familiar ou outros contornos do agregado. De facto, com os problemas de sempre, há desafios de outros matizes. Outrora, eram famílias numerosas, havia o ferrete de filhos ilegítimos, a penúria pelas guerras ou emigração era extrema e os perigos morais aconteciam. E, neste tempo e mundo globalizado?

O conceito de *família* não é unânime nem claro para todos e, às vezes, querem ser impostas soluções *contra naturam* como regra, de forma menos clara. Nesta linha, vamos aterrar e centrar-nos na problemática de filhos que deixaram ninhos ao vento, considerando que há, actualmente, uma *Lei de protecção de crianças e jovens em perigo*, de 1999. Quando o dito *superior interesse da criança* não é bem avaliado e a medida de promoção e protecção não é a mais adequada, as falhas na sua execução podem acontecer.

Rascunhámos isto mesmo numa enfermaria pediátrica onde um petiz de 8 anos, o C. Sá, foi submetido a uma adenoamigdalectomia, cuja cirurgia é

enfermeira o cuidaram com desvelo, bem espelhado no sorriso trocado na alta. Não restem dúvidas que a melhor técnica é amar o que se vê, que o Pai do céu não é possível. Acontece que, às vezes, os formalismos técnicos atrapalham e desconhecem a verdadeira realidade. Do anexo onde se abrigava, quantos gestos escapam aos secos relatórios?...

Já agora, foi mesmo preciso documentar quanto baste uma situação de outro Rapaz problemático, com carradas de declarações hospitalares para provar o que tem sido possível fazer, inclusive um tratamento cirúrgico recente a uma epifisiólise femoral.

Noutro caso, até jurídico, houve a lucidez (esperada) de desmarcar uma conferência, depois das nossas informações atestadas pelo quotidiano e visitas *in loco* ao pai do Divino, pois a sua situação *alterou-se negativamente*.

Neste rol de situações, teve de se esperar um ano que um progenitor viesse de Inglaterra, onde tem outra vida, para assinar notarialmente um pedido de nacionalidade do filho, pois não nos chega ser legal representante. E neste âmbito, um Júnior, filho de pais africanos e separados, finalmente obteve Título de Residência excepcional, mesmo tendo nascido em Portugal há 14 anos...

A outro Rapaz, foi aplicada medida de apoio junto da mãe, ao cabo de 13 anos, tendo ele 17. Só agora teve possibilidade de frequentar um curso de cozinha, cuja oferta não havia antes do 10.º ano. O sistema de ensino actual ainda não se recompôs da *unificação* do ensino liceal e técnico, que tantos e tão bons frutos deu, a partir dos 12 anos. Não se podem considerar simples *meninos* os filhos e as filhas

SETÚBAL

Padre Acílio

Escola

POR falta de alunos suficientes a nossa Escola fechou. Seis magníficas salas! Quatro no 1.º andar, duas no rés-do-chão, mais mediateca, sala dos professores e as respectivas casas de banho nos dois pisos.

Um lindíssimo corredor, por exigência do Estado foi coberto de um desagradável chão antiderrapante e outros pormenores de menos importância para estarmos de acordo com o requisito.

A meu pedido, os Gaiatos foram colocados na Escola das Pontes, uma povoação a cerca de 5 km de distância.

O ano passado tudo correu bem. Neste lectivo, durante o Verão, apareceram várias crianças a precisarem de nós, e não havia vagas na Escola. Assim, não podemos acolher os rapazes por não termos Escola para eles! *E esta hein!*, diria o nosso amigo Pessa.

De manhã, o António sai às 6h45. Às 8h00, o Fernando José tem de estar na Escola de Palmela. E às nove, outros vão começar as aulas no Montinho da Cotovia, nas Pontes.

Havendo alguns com a psicóloga ou consulta médica, lá vamos nós buscá-los e levá-los durante o dia. Às 17h30, simultaneamente terminam as aulas e para trazer os rapazes, é preciso dois carros e dois motoristas, devido às distâncias, é impossível só um transporte para trazer os rapazes.

Mais, normalmente os nossos são crianças que passaram muito na infância e chegam à Casa do Gaiato bem marcados. Dois estão na quarta-classe, mas ainda não dominam o programa do 1.º ano. A professora chamou-me à parte, lamentando-se: — *Que posso eu, padre, com uma turma de 32 no 1.º e 4.º ano?!*

Aqui, em Casa, com a dedicação dos professores e a nossa ajuda, as coisas compunham-se mais rapidamente. As crianças adquiriam com mais facilidade equilíbrio. A nossa companhia, o mimo das Senhoras e o ambiente familiar constante, surtiam muito mais efeito do que o dia todo fora, na Escola.

Toda a gente de senso e amor desinteressado aos pobres, sabe que o ambiente cultural entre nós se tem degradado muito e as crianças, as maiores vítimas, por serem mais influenciáveis e desprotegidas de discernimento.

A nossa Escola seria o seu oásis!

Cariços

ESTAS aves são pássaros do tamanho das pombas, mais elegantes, menos largas e com o pescoço mais comprido.

Ficámos deslumbrados ao contemplar a alvura das suas penas e o seu caminhar seguro, de bico bamboleante para a frente, aparentando uma fidalguia rara.

Os voos rasantes junto à terra lavrada, de asas branquinhas a contrastar o preto da gleba, manifestam uma ciência aeronáutica instintiva com que o Criador as dotou.

É tão bonito o espectáculo oferecido por um carriço a aterrar.

Os nossos tractores, nos serviços de gradagem, limpeza de valas e terraplanagens, andam sempre envolvidos nesta alvura admirável. Os rapazes deliciam-se com esta companhia tão pura e tão bela!

Os carriços são a sua poesia, a sua música e o seu doce entretenimento. O canto da Natureza!

Estas belezas alimentam-se de minúsculos bichinhos da terra.

Há dias contei 33 em bando, pousadas na sua pesquisa.

A gradagem tinha um comprimento de 400 metros, e o bando deslucava-se atrás da grade continuamente, mais ou menos de 50 em 50 metros debicando a terra. Não ficava um metro por limpar. E quando algum se aproximava mais do outro havia logo bulha com bicada mútua.

Estas maravilhas surgem sempre na nossa quinta quando as máquinas revolvem as terras. □

que já têm mundos abertos nas suas próprias mãos. E assim poder-se-iam autonomizar muitos adolescentes e jovens, que acabam por ficar à mercê de comportamentos desviantes, na boa-vai-ela.

É também uma missão própria da vida eclesial remendar os fios rotos de tantas mantas familiares que não cobriram pintainhos, depois de serem postos ao mundo. O ideal da família de Nazaré é um sonho para a vida, cuja realidade nem sempre acontece,

com perdas para todos. A pastoral eclesial não é só de *acesso ao templo*, mas de encontro às vivências de quem clama ou está só e abandonado. Jesus foi infinitamente mais longe: ao seu Corpo, de verdadeiro Homem, também chegamos quando Ele sangra e chora, mesmo ao nosso lado e em multidões desesperadas. Bem sabemos que reina *escondido* e na pobreza extrema de um cibinho de Pão a partir, na entrega da vida, especialmente pelos últimos. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt

obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTIVE, na Casa do Gaiato do Tojal, ao tempo uma das nossas e ainda em começo de estruturação, Porque até aí foi a recuperação das ruínas em que nos foi entregue. Quando da primeira visita o Pai Américo disse: “Ó Adriano vamos embora, somos herdeiros de ruínas: é isto e são os Rapazes”. E foi ele que o seguiu do desânimo. Foi ali que gastei os primeiros cinco anos e consegui o que ainda não tinha acontecido: a eleição do primeiro chefe-maioral, o Camões que um dia descobriu que tinha pai e descambou psicologicamente e com todos os recursos a que se deitou mão, nunca mais endireitou, tal foi o traumatismo. Tempos aqueles que me causam dor ao saber o estado a que chegou actualmente aquela Casa que foi verdadeiramente a família daqueles que a não tinham e ainda hoje a consideram sua.

Vão surgindo, dia a dia problemas nas aldeias. A Fundação Encontro pediu aos pais, por falta de condições, que contribuam com 300mt por mês. Não chega a oito euros, para pagar a Educadoras de Infância, licenciadas na universidade. Há muitos que não têm. Há outros que não ligam. E as crianças andam à solta ou ficam fechadas em casa até que

a mãe lhes dê uma refeição. A única do dia. Havia onze irmãos já casados que morreram por tuberculose e sida. Uma tia foi acolhendo os filhos. Já chegam a vinte. A situação é alarmante. Então a Fundação decidiu juntar jovens e sensibilizá-los para uma formação de educadores de infância. Agora vão pela aldeia à procura das crianças, juntam-nas em grupos, levam-nos à Creche a comerem e ao fim de semana juntam os pais para que as deixem ali. Uns não ligam porque não têm com que contribuir, outros continuam a deixá-los fechados em casa. Foi assim que encontraram o Jacinto. Ele tem problemas de saúde e precisa de assistência especial, que a tia se nega a dar. Denunciaram o caso à Estrutura da Aldeia, mas ela não reagiu e continuou a prender a criança com uma corrente de metro presa a um pedaço de carril de comboio, dia e noite. Quando a tia o deixava à solta ia pelas casas dos vizinhos a comer tudo o que encontrava. Queixam-se de que ele é um ladrão, mas *a fome não tem lei*, como diz o povo. A tia redobra a prisão, mas ele desaparece. O alarme corre pela Aldeia. A Estrutura é chamada para que tome providências. Trazê-lo para a Casa do Gaiato não é solução,

porque nem sabemos quantos haverá pelas cinco Aldeias e Moçambique fora. Estamos a estudar as primeiras. Apelar a quem para os direitos da criança, para os maus tratos a elas infligidos. A angústia sobra para nós que estamos manietados. As Creches estão para as servir. Chegámos a ter mais de duas mil. Mas com a crise em Portugal e Espanha, o nosso amparo até há uns anos, não podemos mais. Temos aqui o Delton. Veio com pouco mais de dois anos. Não andava nem falava. Era dos que ficavam fechados o dia inteiro na palhota. Hoje corre e brinca como uma criança normal, mas ainda não fala. Por vezes já lhe saem da boca papá e mamã e arremedo de outras. A psicóloga diz que é porque não foi estimulado pela mãe no tempo devido. Mas há-de falar com a ajuda que todos estamos a dar-lhe. Até falará demais quando se sentir liberto da prisão que o tolheu tanto tempo. Ai que se pudéssemos transplantar para aqui as nossas Casas do Gaiato de Portugal, onde parece que se tornaram indesejáveis, teimosas na sua pedagogia, não chegariam a nada para tanto. Temos trinta e uma crianças à espera de vir. São casos escolhidos entre muitos. Este ano é impossível atender a todos apesar de já nos termos comprometido. Só pedimos compreensão. □



É a cozinha da Casa do Gaiato de Moçambique

BENGUELA

Padre Manuel António

«Quem não vive para servir, não serve para viver»

VEJO esta frase, quase diariamente, escrita no vidro da retaguarda dum transporte de passageiros. Encerra uma verdade muito profunda. Marca o sentido da vida humana. É, sem dúvida, a forma de salvar as vidas de tantos irmãos, desde os mais pequeninos aos mais velhos. Aos olhos dos homens que querem sempre vencer, nunca perder, procurando dominar sobre os outros e não pôr-se ao seu serviço, esta mensagem é inaceitável. É um falhanço. Contudo, podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que o dom de si mesmo leva a cabo a salvação das vítimas duma sociedade desumana. Na medida em que, dentro das nossas possi-

bilidades, procuramos ajudar os que mais necessitam, estamos a contribuir para a sua salvação.

A Casa do Gaiato de Benguela não poderá sobreviver sem as vossas ajudas, como um dom precioso das vossas vidas.

O testemunho que acompanha os donativos é uma prova da doação sacrificada das vossas vidas. Quem dera cada um de nós viva para servir! Assim acontece, quando não nos cansamos de fazer o bem. Colheremos sempre no tempo oportuno. Por isso, não nos fechemos no egoísmo, na indiferença. Pratiquemos o bem para com todos, mas, em especial, para com os mais necessitados. Não nos esqueçamos de

que ao semearmos com amor colheremos o fruto do amor que é a nossa felicidade. O grande argumento a favor desta verdade está na experiência de cada um. Vamos, pois, ter coragem para enfrentarmos as resistências do espírito do mundo.

Há dias, bateu-nos à porta o pedido para recebermos dois filhinhos abandonados que correm o risco de se tornarem lixo da rua. Este pedido comoveu-nos muito. Partilho convosco esta grande inquietação. Espero poder acolhê-los, dentro de pouco tempo. Os vossos corações devem estar muito sensíveis ao acolhimento destas situações sociais. Estes filhinhos também são vossos!

VINDE VER!

Padre Quim

As proximidades da rua

AS nossas Aldeias de Rapazes foram erguidas no ambiente natural e ainda hoje se encontram situadas a uma distância considerável dos chamados centros urbanos para proteger a criança dos falsos mestres que a rua ostenta: ladrões, exploradores e tantos outros sinais viciosos a que estavam familiarizados para levar adiante a sofrida batalha pela sobrevivência. O rapaz ao entrar pela nossa porta vislumbra novos encantos da aldeia que são completamente diferentes dos que estava acostumado: avenida, jardins, cruzeiro e capela no centro, casas limpas e arrumadas, mesa posta e sopa quente, escola mesmo à sua beira, campos cultivados e gado para cuidar. E ainda o mais importante: irmãos que o recebem de braços abertos. Ficando para longe a mortal segregação do menor. Neste “retiro”, acontece a mudança e a transformação do «lixo» em flores lindas para devolver ao jardim da humanidade, que as quis rejeitar! Este é o passo derradeiro para salvar a criança da rua, retirá-la das proximidades do local onde o crime acontece.

No decorrer dos anos despoletou a febril tendência da construção desordenada. Agora, a rua persegue o garoto que fugiu dela. O Bairro da Nossa Senhora da Graça cresceu tanto que por todos os lados nos circunda. O garoto atraído pelos aliciantes de fora pretende e foge mesmo de Casa por algumas horas do dia e regressa ao entardecer, quando a rua se torna perigosa, silenciosa e criminosa. O primeiro companheiro do rapaz que foge é a vadiagem, à qual mais tarde se juntam outros tantos males e misérias de A a Z segundo o nosso alfabeto. “Para grandes males, grandes remédios”. Os castigos pretendem chamar à luz a consciência adormecida e têm sua eficácia quando se reconhece a falta cometida.

O «Walter» é um rapaz de 13 anos que foi recebido em nossa Casa, veio da Catumbela, vivia com a avó que não tinha meios de o pôr na escola, pelo que a rua era o seu centro de deformação. Por estas circunstâncias quisemos recebê-lo, e assim foi. Pois não é costume receber rapazes com estas idades. É melhor hoje arriscar, para não ver amanhã inocentes sentados nos bancos do réus. O dito rapaz é uma prova de paciência diária para os chefes saídos também da rua que são justamente quem trata e cuida da comunidade dos irmãos mais pequenos. Todas as semanas há matérias ligadas ao mesmo, quer na escola, no trabalho, enfim. O amor é paciente! Se não fosse assim, não haveria no mundo quem se ajoelhasse diante do pobre, para sarar feridas da alma, como fez São Francisco indo ao encontro dos leprosos. Esta acção repetiu-se em “Frei Junípero”, nome com que o “recoveiro dos pobres” assinava nas suas posteriores crónicas no tempo de seminarista. E vem a conclusão: «quem pretender salvar a criança da rua, o primeiro passo que tem a dar é justamente retirá-la das proximidades da rua». □

PENSAMENTO

Pai Américo

A verdadeira Revolução é levantar os Prostrados e não deitar abaixo os que caminham. O mundo está cansado de partos dolorosos que dão em aborto. Os alicerces continuam a ranger. Ainda não chegou a hora alegre de repor na sociedade o Evangelho, viver-se o Cristianismo à moda dos Apóstolos, lançar por terra as mesas dos agiotas.

in *Pão dos Pobres*, 3.º vol., p 110

Não estranheis esta linguagem! Não têm culpa da situação miserável em que se encontram. Qual deve ser a nossa atitude? A indiferença? Não! Seríamos injustos. Fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para os libertar da situação em que vivem, é o nosso dever. Vamos para a frente! Quando chegarem à nossa Casa, dar-vos-ei a notícia.

É, na verdade, consoladora a colaboração que recebemos das entidades particulares e públicas para a solução de alguns problemas graves destes nossos e vossos filhos. Há dias, um dos nossos mais pequeninos estava doente. O hospital não podia fazer mais. A solução do caso estava numa clínica particular. Batemos-lhe à porta, pela primeira vez. A Casa do Gaiato de Benguela estava também metida no coração dos altos responsáveis daquela Instituição. O nosso pequenino foi

acolhido, maravilhosamente, com todo o interesse e carinho. Está bem! A Clínica Sagrada Esperança, do Lobito, continua com as portas abertas para estes filhos, quando necessitarem. Não podemos esquecer-nos de que é, através do sacrifício, da renúncia à parte disponível dos nossos bens e do dom de nós mesmos, que a salvação chegará aos mais abandonados.

Há momentos, meus olhos poisaram nesta mensagem: «Vede bem, guardai-vos de toda a avareza: a vida duma pessoa não depende da abundância dos seus bens. Não deve acumular apenas para si, mas deve partilhar com os mais necessitados». Deste modo, o nosso tesouro está, também, nos filhos abandonados que necessitam da nossa ajuda. Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □